

A esquerda sionista em crise



Por **BRUNO HUBERMAN**

O genocídio em Gaza aprofundou a crise da esquerda sionista. Em Israel, onde estão alijados do poder desde 2001

A expressão “shooting and crying” (atirando e chorando, em inglês) nasceu do remorso que os soldados israelenses expressam pela violência empregada contra os palestinos numa tentativa de se eximir dos seus crimes. Fábio Zuker, [em sua resposta](#) ao [meu artigo](#) — ambos postados no site **A Terra é Redonda** —, mantém essa tradição que busca as mais diferentes formas de expiar a responsabilidade sionista pela colonização dos palestinos desde a Nakba.

A Nakba - catástrofe em árabe - foi a expulsão de 750 mil palestinos e a destruição de 500 vilarejos na fundação de Israel, em 1948. Por décadas, os palestinos afirmaram ter sido expulsos por milícias sionistas. A história de Israel, entretanto, dizia que os palestinos fugiram voluntariamente.

Nos anos 1980, a desclassificação de documentos israelenses provaram a narrativa palestina. Como [demonstrou Arlene Clemesha em artigo na Folha de S. Paulo](#), os documentos oficiais comprovam que os palestinos foram vítimas de processo planejado de limpeza étnica. A revelação do seu papel colonial na Nakba provocou uma grave crise de identidade entre os sionistas.

Contudo, historiadores israelenses, como Avi Shalim, buscaram expiar a responsabilidade sionista na Nakba. Ele culpou os palestinos pela sua própria catástrofe por erros da sua liderança. A respeito dessa manipulação, [o palestino Nur Masalha escreve](#): “Os palestinos deveriam compartilhar a culpa pela sua própria Nakba. Claro que Shlaim está certo em apontar a liderança estrategicamente desastrosa do Mufti, Haj al-Husseini. A própria ideia que alemães e judeus tenham uma culpa compartilhada pelo Holocausto judeu seria corretamente considerada uma ofensa profunda. Quando o assunto é [...] a limpeza étnica dos palestinos, padrões éticos completamente diferentes são aplicados.”

Como nota Nur Masalha, responsabilizar qualquer judeu pelo Holocausto seria um absurdo. Mas o mesmo padrão ético não é conferido aos palestinos por causa do racismo colonial israelense. Historicamente, os colonizadores representam os colonizados como “bons” e “maus”, [demonstra Arun Kundnani](#), para justificar medidas violentas contra os “maus”.

Se no passado foi preciso inventar que o Haj al-Husseini teria [convencido Hitler do extermínio dos judeus](#), como afirmou o premiê Benjamin Netanyahu, hoje esse “mau” palestino é o Hamas, [também representado como nazista por Benjamin Netanyahu](#).

Diferente das mentiras frágeis da direita, a esquerda sionista age de forma sofisticada. Para eles, as milícias de direita Irgun e Stern foram responsáveis por massacres e expulsões dos palestinos na Nakba. O objetivo é [eximir o establishment da esquerda sionista de responsabilidade pela limpeza étnica](#).

No processo de paz dos anos 1990, a esquerda sionista [recriou a narrativa](#) de culpar a extrema direita israelense e os

palestinos, agora na figura do Hamas, pelo suposto fracasso da criação do Estado palestino. Assim, foi desresponsabilizado o primeiro-ministro trabalhista Yitzhak Rabin, que [afirmou em discurso no parlamento israelense](#), em 1995, que a “entidade” palestina seria “menos que um Estado”.

Hoje, a esquerda sionista repete a fórmula ao colocar Benjamin Netanyahu e os palestinos, novamente através do Hamas, como “corresponsáveis” pelo genocídio, segundo Fábio Zuker. Em sua tréplica, ele reafirma a importância de “não confundir os palestinos com o Hamas” para imputar as vítimas pelo extermínio em Gaza.

Para Fábio Zuker, a única saída dos palestinos é aguardar pressão internacional para ver quanto de terra Israel estaria disposto a “ceder” pela paz. O autor diminui a descolonização a um ato de generosidade do colonizador. E constrói o “bom” palestino como o moderado que espera Israel e EUA decidirem quando será livre. Assim, apaga a agência do palestino que luta por libertação, o que não é o que defendia Edward Said, famoso por jogar pedras contra Israel.

Anular a agência do colonizado é estratégia paternalista das esquerdas coloniais. Os intelectuais anticoloniais [Frantz Fanon](#) e [Aimé Césaire](#) romperam com a esquerda francesa por causa do apoio, conferido ao Estado francês, à repressão da libertação nacional argelina sob a justificativa de que a resistência da Frente de Libertação Nacional seria excessivamente violenta.

Tal qual os franceses, a esquerda sionista rejeita o palestino real para justificar a violência colonial. Fábio Zuker se coloca como defensor da causa palestina, mas copia a [extrema-direita](#) ao reduzir os palestinos a manipulados pelo Hamas, ignorando que Israel é o carcereiro da prisão a céu aberto chamada Gaza.

Ele afirma ainda que aqueles que apoiam a violência do ataque palestino devem “aceita[r] que esse será o caminho da resposta”. [Segundo pesquisa](#), 61% dos palestinos desejam que o Hamas governe Gaza e Cisjordânia. Isso forçou o Fatah, o “bom” palestino que administra a Cisjordânia [a mando de Israel](#), a fazer um [acordo de “unidade nacional”](#) com o Hamas. Todos seriam agora “maus” palestinos que devem ter a sua morte justificada?

Sem dúvida, é preciso condenar os crimes ocorridos no 07 de outubro. Contudo, a representação racista do Hamas como demônio “corresponsável” pelo genocídio serve para desumanizar e dividir os palestinos, justificar o extermínio israelense e eximir a esquerda sionista de responsabilidade.

Crise da esquerda sionista

O genocídio em Gaza aprofundou a [crise da esquerda sionista](#). Em Israel, onde estão alijados do poder desde 2001, os partidos Trabalhista e Meretz viram seus votos cair a cada eleição. Isso forçou a fusão entre os partidos para o próximo pleito.

Além disso, há o fortalecimento global da extrema direita, como visto na filiação de judeus brasileiros ao bolsonarismo; o crescimento de movimentos judaicos antissionistas, que protagonizaram a luta contra o genocídio nos EUA; e o abandono do sionismo pelas esquerdas, como demonstrado no apoio ao corte [de relações do Brasil com Israel](#).

Os textos de Fábio Zuker fazem parte de [luta da esquerda sionista por sobrevivência](#). A sua reivindicação do sionismo como anticolonial e dos judeus como indígenas [é uma estratégia da esquerda sionista em todo mundo](#) de criar um mito nativista para enfrentar a esquerda radical e a extrema direita.

O projeto da direita, de anexação da Cisjordânia e apartheid, e da esquerda, de Estado único democrático, ameaçam a visão da esquerda sionista de Israel como Estado democrático de maioria judaica. [Cresce a rejeição à resolução de dois estados.](#)

a terra é redonda

A esquerda sionista deseja salvar a Israel que eles imaginam ter existido até 1967. Para eles, a ocupação de Cisjordânia e Gaza teria [desvirtuado o sionismo](#). A defesa do fim da ocupação busca salvar o que está na raiz da Nakba: a maioria étnica judaica obtida com a expulsão de 750 mil palestinos.

Contudo, mesmo sem a ocupação, Israel não é uma democracia liberal: a minoria palestina é [discriminada por mais de 40 leis e sistematicamente expulsa de suas terras](#); e não há casamento civil, apenas religioso. Etnocracias, aponta o [israelense Oren Yiftachel](#), são, por definição, anti-democráticas.

Para Frantz Fanon, a ideia de retorno na história é reacionária pois parte de representação idealizada do passado. A tentativa de reconstrução resulta na violência contra grupos que não integram essa imagem.

A exclusão dos não-judeus, os palestinos, não é um desvio do sionismo ou algo exclusivo da extrema direita. É orgânico do esforço sionista de restaurar Israel.

A ancestralidade é fundamental como horizonte histórico para construir um futuro sem opressões, não para reconstruir o passado. Um futuro de paz envolve o abandono de projetos mitológicos, seja o da Terra de Israel bíblica, do Estado de Israel pré-1967 ou da Palestina pré-1948. Por um futuro onde todos, do rio ao mar, sejam iguais e livres sob um regime democrático, laico e plurinacional.

***Bruno Huberman** é professor de Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autor de A colonização neoliberal de Jerusalém (EDUC). [<https://amzn.to/3KtWcUp>]

Publicado originalmente no jornal [Folha de S. Paulo](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA